

Ricos não querem mudar Plano Brady

WASHINGTON (Do Correspondente) — Os ministros de economia dos países ricos concordaram em princípio, ontem, em aumentar em 50% o capital do Fundo Monetário Internacional (FMI). Mas discordaram da opinião da Diretoria do Banco Mundial e do FMI com relação ao Plano Brady. Para eles, essa estratégia de redução de parte da dívida externa dos países em desenvolvimento não necessita sofrer modificações — como haviam sugerido as diretorias do Bird e do Fundo.

O chamado Grupo dos Sete — EUA, Japão, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, França, Itália e Canadá — debateu os dois assuntos ontem. E concluiu que em vez de alterar o processo, criado um ano atrás pelo Secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, seria melhor haver “uma ênfase maior do FMI e do Bird em criar programas de reforma econômica que atraiam novos investimentos e o retorno aos países devedores do capital que seus cidadãos remeteram para o Exterior”.

Num curto comunicado, divulgado no início da noite, os sete ministros disseram que mantinham “um forte apoio à estratégia da dívida”, afirmindo que estavam satisfeitos com o substancial progresso já alcançado, incluindo os acordos feitos com bancos comerciais com seis países devedores.

O documento dizia, ainda, que os países ricos reafirmavam o seu apoio ao enfoque caso a caso, e às linhas gerais sobre a ajuda financeira do FMI e do Bird para que um país aplique o Plano Brady.

Quanto ao aumento de capital, a proposta do Diretor-Gerente do FMI, Michel Camdessus — que queria um acréscimo de no mínimo 70% — acabou sendo derrotada pela do governo americano, que insistia nos 50%. A grande discussão, ontem à noite, era quanto à nova tabela no ranking dos países mais poderosos — que estabelece o seu poder de voto no FMI. Em princípio, essa classificação ficaria sendo a seguinte: 1) Estados Unidos; 2) Japão e Alemanha; 3) Grã-Bretanha e França.